

Especiação fetichista: um novo modelo

Lembremos que, enquanto as espécies tipológicas constituem grupos de indivíduos assemelhados, “com a mesma cara”, compartilhando os mesmos atributos físicos, as espécies biológicas constituem grupos de indivíduos intercruzantes e separados de outros grupos.

O vocabulário descritivo apresentado a seguir corresponde, mais propriamente, ao aplicado usualmente a animais, e não a outros grupos. Uma descrição análoga pode ser feita para esses outros, utilizando termos mais adequados a seus sistemas de reprodução.

Analisemos um indivíduo tendo em vista as características necessárias à constituição de uma nova espécie. Sob esse enfoque, um indivíduo qualquer possui um sistema de acasalamento dividido em duas partes que se encaixam reciprocamente: um conjunto de desejos, e um conjunto de atributos correspondentes, em linhas gerais, aos desejos dos parceiros potenciais.

Os atributos podem ser características como o tamanho, a cor, o odor, a sonorização, o comportamento, e muitos outros, por vezes surpreendentes. Os desejos acarretam uma busca por parceiros ostentando as características adequadas a ele.

Machos de uma mesma espécie devem compartilhar entre si, em linhas gerais, os mesmos desejos e atributos; o mesmo ocorrendo com as fêmeas de uma espécie.

Por essa razão, durante sua existência, machos e fêmeas de uma mesma espécie tendem a acasalar entre si, sendo relativamente raro o fenômeno de hibridização, quando o macho de uma espécie e a fêmea de outra acabam gerando um descendente comum.

Podemos imaginar uma espécie esquemática compartilhando um sistema desejo-atributo simplificado na qual todos os indivíduos de mesmo sexo compartilham exatamente os mesmos desejos. Nesse caso, machos com as características desejadas obterão vantagens na seleção sexual. Os mesmos indivíduos serão disputados por todos os do sexo oposto.

Também podemos imaginar um sistema menos organizado e mais realista, no qual os indivíduos compartilhem, fundamentalmente, os mesmos desejos, mas com ligeiras variações; dois indivíduos podem ter exatamente os mesmo gostos, mas com privilégios distintos, de modo que embora dois indivíduos prefiram, por exemplo, parceiros altos e azuis, um poderá privilegiar a altura, o outro, a intensidade da cor.

As variações dos desejos dos indivíduos podem ser mais acentuadas, mesmo dentro de uma espécie; assim, é possível que um indivíduo escolha sempre o mais colorido, outro não atentando para a cor.

Também são possíveis diferenças mais drásticas; podemos imaginar uma espécie na qual um indivíduo prefere os parceiros mais agressivos, enquanto outro fuja desses.

Ainda é possível imaginar diferenças silenciosas entre os indivíduos, diferenças que nunca se expressam. Assim, alguns indivíduos podem desejar no parceiro características “inaplicáveis” à espécie. Mamíferos que desejem parceiros azuis, verdes, ou de coloridos muito berrantes, por exemplo, dificilmente poderão expressar o desejo, em virtude da ausência de parceiros correspondentes.

Embora sejam esperadas diferenças sutis entre os indivíduos, é esperado que todos eles, em uma mesma espécie compartilhem, fundamentalmente os mesmos desejos. Para avaliarmos o grau em que tais diferenças se apresentam, podemos evocar os desejos humanos. Um conjunto de belas

mulheres pode gerar diferentes escolhas por parte de homens diferentes, havendo, no entanto, uma forte concordância quanto ao grupo das mais, e das menos desejadas, embora as diferenças entre elas sejam relativamente reduzidas.

Difícilmente, creio, podendo escolher uma mulher, algum homem escolheria, de fato, uma macaca, uma vaca, ou uma tartaruga, mesmo que a mulher em pauta não seja uma das mais desejadas entre as mulheres. Do mesmo modo leões e leas sempre preferem a si, assim como os jacarés machos e fêmeas, e os besouros de mesma espécie.

Esse fato revela o quão similares são os desejos dos indivíduos de uma mesma espécie, ainda que ligeiramente variáveis.

Pode-se pensar que os desejos se adequam aos moldes da espécie, quando ocorre fundamentalmente o contrário; as características é que vão se adequando aos desejos da espécie, de modo que, ao longo das gerações, os indivíduos vão modelando os de sua espécie, adequando-os às suas preferências aos seus desejos.

Uma conhecida consequência desse fenômeno é denominada “*runaway selection*”, e poderia ser traduzida como “seleção de fuga”. Costuma explicar a existência de características absurdamente conspícuas, a ponto de prejudicar o indivíduo, como a cauda do pavão. O fenômeno consiste no seguinte:

As fêmeas da espécie preferem francamente os machos portadores das caudas mais vistosas. A cada geração, os machos portadores de caudas maiores e mais vistosas fecundam um maior número de fêmeas, o desequilíbrio deve ser enorme, no caso.

Os descendentes resultantes dessas uniões tendem a herdar a característica do progenitor: uma cauda grande e vistosa. Assim, ao longo das gerações, vão sendo selecionados os machos portadores de caudas absurdamente vistosas, mesmo que tais características dificultem a sobrevivência de seus portadores, acarretando até, eventualmente, sua morte. Enquanto apenas os machos portadores das maiores caudas continuarem a se reproduzir, haverá um aumento no tamanho das caudas. Dessa maneira o desejo das fêmeas vai modelando os machos da espécie ao longo das gerações.

Sempre que o desejo dos indivíduos de um dos sexos se manifestar da forma: “preferência pelo mais intenso”, o fenômeno de *runaway* ocorrerá, ampliando até extremos a característica desejada.

Uma consequência interessante do fenômeno é o fato de ele tender a se alastrar por toda a espécie; assim: imagine que uma parcela considerável de fêmeas compartilhem o mesmo desejo causador de *runaway*, (podemos continuar pensando nos pavões). Consideremos um momento do processo, no qual a metade das fêmeas já tem incorporado esse desejo a sua longa lista, e que as restantes sejam indiferentes ao fato.

Se metade das fêmeas prefere os machos portadores das maiores caudas, podemos crer que tais machos tenham um maior sucesso reprodutivo, fecundando todas as fêmeas que compartilham o desejo, e parte das outras, para quem o atributo em questão é irrelevante.

Isso já garante que os machos portadores de grandes caudas tenham mais descendentes que os outros, ou seja, efetivamente, são mais aptos para reprodução.

Mas as fêmeas portadoras do desejo pelos machos de caudas maiores tendem a ser fecundadas, exclusivamente, por eles, tendendo, portanto, ter filhos de caudas maiores, e, conseqüentemente mais aptos à reprodução.

Existem aqui duas possibilidades: a de que o desejo das fêmeas seja transmitido às descendentes por uma herança, exclusivamente, matrilinear (se o desejo se encontra inscrito em um cromossomo sexual exclusivo da fêmea); (há uma tendência à suposição de que características sexuais sejam sempre inscritas nos cromossomos sexuais, e, portanto, transmitidas, exclusivamente, pelos indivíduos do sexo portador da característica em pauta, um erro. Devemos nos lembrar que nos mamíferos existe apenas o cromossomo masculino Y, sendo o X compartilhado por machos e fêmeas, o oposto do que ocorre com as aves. No caso dos répteis, no entanto, não há distinção genética entre os sexos, embora as características sexuais se manifestem normalmente entre eles.).

Caso os machos transmitam os desejos das progenitoras para suas próprias filhas, o desejo atribuirá uma vantagem direta às fêmeas que o portem, já que elas tendem a ter filhos de caudas maiores, e, portanto, mais aptos, do seguinte modo:

Como muitas fêmeas preferem machos de caudas longas, esses têm vantagem reprodutiva sobre os outros, por essa razão, as fêmeas que os preferem também têm vantagem reprodutiva sobre as outras, já que terão um maior número de netos, que incluem os numerosos filhos destes machos.

Como as fêmeas portadoras do desejo se reproduzem mais eficientemente que as outras, o desejo se impõe por toda a espécie, acarretando concomitantemente, o alastramento das características do objeto do desejo, no caso, as caudas descomuns.

O raciocínio anterior garante que, caso o desejo atinja uma porção considerável da espécie, o que pode ocorrer por deriva genética, e caso o desejo seja transmitido por ambos os sexos, ele tende a se alastrar por toda a espécie, acarretando, em conseqüência, o alastramento e o crescimento inusitado da característica em questão.

Caso os machos não disseminem o desejo da fêmea, adquirido exclusivamente por herança matrilinear, o fenômeno *runaway* não ocorrerá.

Esse fenômeno parece explicar a ampla variedade de características sexuais secundárias ostentadas por machos nas mais variadas espécies. Coloridos berrantes, odores e sonorizações tendentes a atrair predadores exigem uma explicação evolutiva. A descrição do *runaway* lhes cai como uma luva.

Um modelo simples de especiação

Suponhamos que o *runaway* tenha se espalhado por uma dada espécie, de modo que todos os seus indivíduos compartilhem o mesmo desejo e a mesma característica exacerbada.

Agora imaginemos que um desejo exatamente oposto surja em um dado indivíduo. Ou seja, imaginemos uma mutação que, não meramente, aniquile o desejo gerador de *runaway*, mas que se contraponha a ele. Imaginemos, por exemplo, uma fêmea pavão que, ao contrário das outras, prefira, exatamente, os machos com as menores caudas.

Obviamente, tal fêmea tenderá a se acasalar com os machos com as menores caudas, gerando descendentes com cauda reduzida. Tais descendentes terão certa dificuldade em se reproduzir, já que serão preteridos pelas fêmeas comuns da espécie. A existência de algumas fêmeas desejosas de machos como eles, no entanto, tende a permitir sua reprodução.

A consequência disso é a formação imediata de uma subpopulação endógena, cujos indivíduos, portadores de caudas curtas, tendem a se reproduzir apenas entre si.

Já desenvolvi anteriormente, em outros textos, um argumento equivocado, consistindo no seguinte: a redução da característica em pauta, excessivamente desenvolvida e responsável por grande mortalidade, propicia uma vantagem adaptativa aos indivíduos portadores dessa variação, acarretando o seu aumento populacional. A ideia partia do pressuposto da maior viabilidade de pavões de cauda curta, propiciando uma maior viabilidade aos indivíduos da nova espécie, e, portanto, dela mesma.

O raciocínio está equivocado no caso do pavão, e na maioria dos outros casos em que a característica realçada pelo fenômeno runaway se manifesta apenas nos machos. Alterações na quantidade de fêmeas têm consequência direta para a sobrevivência da espécie, mas o número de machos tende a ser irrelevante para isso. Se a quantidade de fêmeas independe da característica em questão ela não aumentará, nem reduzirá, a possibilidade de extinção da espécie.

Note que a referida população tende a se isolar reprodutivamente cada vez mais da população original, já que seus indivíduos tendem a adquirir a característica oposta à desejada pelos do outro grupo. O grupo endógeno tende a se diferenciar ainda mais do grupo original, em decorrência da revolução gênica decorrente do efeito do pequeno número de fundadores da população, fenômeno análogo ao que aconteceria com a população isolada em uma ilha.

Não será necessário um grande número de gerações para que os indivíduos do novo isolado reprodutivo, ou seja, da nova espécie, adquiram feições próprias, diferenciadas das de sua espécie originária. As alterações na nova espécie que desloquem seus indivíduos para um nicho ecológico próprio, diferente do da espécie anterior, serão premiadas, permitindo a coexistência de ambas as espécies em um mesmo local. A modificação ecológica tende a realimentar modificações tipológicas na nova espécie.

O mecanismo de especiação aventado acima é extremamente simples e viável, ilustrando aspectos relativos a qualquer possibilidade de especiação.

Note que o primeiro indivíduo, o mutante portador do desejo oposto ao da espécie original, pode ser considerado o fundador da nova espécie, sendo, ele mesmo, a seu tempo, o único constituinte de sua espécie.

Isso ilustra não só um modo de formação de uma nova espécie, mas mostra que um único passo evolutivo, correspondente a uma única alteração genética, é suficiente para a construção de uma nova espécie. (Em princípio, não há, nem mesmo, a necessidade de que a característica em questão seja originada por alteração genética; em princípio, alterações comportamentais podem acarretar isolamento reprodutivo, ainda que tênue).

De fato, em linhas gerais, uma nova espécie corresponde a um grupo de indivíduos compartilhando o mesmo conjunto de desejos a moldar seus parceiros potenciais. Retomemos esse ponto.

Em primeira instância podemos imaginar uma espécie homogênea cujos desejos de todos os indivíduos sejam exatamente os mesmos. O surgimento de um mutante portador de um desejo antagonico a um desejo comum na espécie acarretará, de imediato, a formação de uma nova espécie, como visto logo acima.

Nem todos os desejos, no entanto, se antagonizam. Um novo desejo pode, por exemplo, versar sobre características anteriormente irrelevantes para o acasalamento, ampliando, pura e simplesmente, a lista dos atributos desejáveis aos parceiros da espécie. O novo desejo, recém surgido, pode se espalhar por deriva genética, sob risco de extinção, é claro; caso seja um desejo pelo aumento contínuo de uma dada característica e ele chegue a se espalhar por um contingente considerável, tenderá a sofrer *runaway*, alastrando-se por toda a espécie. Não havendo um antagonismo, não haverá especiação.

Desse modo, as espécies tendem a ir acumulando novos desejos, tornando cada vez mais complexo o rol de atributos desejáveis em um parceiro para o acasalamento.

Tais desejos não costumam se resumir a características físicas dos parceiros; quase todas as espécies possuem um ritual de corte pré-nupcial complexo, necessário para o acasalamento dos indivíduos. O sistema costuma exigir um pareamento de tipo chave/fechadura, no qual a execução de uma ação do macho dispara uma manifestação correspondente da fêmea, que por sua vez estimula o macho a executar o passo seguinte determinado no ritual da espécie.

O encaixe entre a expectativa, o desejo de cada um dos parceiros, e a ação correspondente executada pelo outro, constitui o ritual de corte da espécie.

Os rituais de corte podem ser vistos como uma espécie de linguagem, ou senha específica. Sob essa interpretação, o acasalamento pressupõe uma série de senhas e contrassenhas; a senha do macho dispara a contrassenha da fêmea que, por sua vez, estimula a contrassenha do macho até o momento da cópula. A senha errada acarreta a interrupção da atuação finalizando a tentativa de cópula, ou acarretando o reinício da “conversa”, que pode incluir a exibição de estímulos visuais, sonoros, tácteis, olfativos, ou de qualquer outro tipo reconhecível pelo parceiro.

Embora a reprodução sexuada pressuponha uma atração prévia, anterior ao ritual de corte propriamente dito, e o prosseguimento do mecanismo de reprodução após tal fato, incluindo cópula, fecundação, desenvolvimento embrionário e maturação sexual adequada dos descendentes, a análise do fenômeno de especiação deve enfatizar atenciosamente a etapa descrita como ritual de corte, por razões posteriormente esclarecidas.

Os textos tradicionais atribuem ao ritual de corte a satisfação da necessidade da exclusão de parceiros inadequados. Excluindo parceiros de outras espécies os indivíduos economizariam esforços muito mais bem aplicados na tentativa de reprodução com indivíduos de sua espécie. A não exclusão tempestiva, no momento adequado, de parceiros inapropriados, resultaria em enorme desperdício de recursos, com a produção de descendentes inférteis, por exemplo.

Em consequência dessa necessidade, as espécies desenvolveriam rituais de corte bastante complexos, precisos, e diversificados, conseguindo com isso reduzir tremendamente as perdas decorrentes de escolhas equivocadas.

Embora o isolamento sexual obtido com o desenvolvimento de um elaborado ritual de corte, de fato, acarrete tais vantagens aos indivíduos, especialmente após um longo tempo de separação entre as espécies, não creio ser essa a razão que justifique sua existência. De meu ponto de vista, os rituais de corte possuem uma existência autônoma, devendo ser considerados variáveis livres, e, não, variáveis dependentes, como tentarei mostrar.

Suponha a existência de uma espécie pertencente a um grupo qualquer. Consideremos que tal espécie não desenvolveu nenhum comportamento passível de ser apropriadamente descrito como

um ritual de corte, de modo que as exigências dos indivíduos se resumem a atributos não sexuais, se de algum modo isso for possível.

Em algum momento, surge uma mutação que acarreta, nas fêmeas portadoras, um desejo “disparatado,” uma espécie de fetiche. Refiro-me a uma fêmea em virtude de uma assimetria entre os sexos, com respeito às exigências na busca por um parceiro sexual, coisa que explicarei posteriormente.

A fêmea mutante, portadora do fetiche, ficaria encantadíssima se algum macho executasse uma ação, ou portasse uma característica adequada a seu desejo. Escolhi a palavra “fetiche” exatamente pelo significado atribuído a certos desejos humanos relativamente incomuns, e, muitas vezes, aparentemente deslocados.

O fetiche pode corresponder a qualquer fenômeno que possa ser percebido. Pode ser uma sonorização, um movimento, uma cor, uma feição do corpo, um odor. Em suma, qualquer informação que possa ser comunicada ao parceiro pode, e em princípio, corresponder a um fetiche, enfeitando certos indivíduos.

Não é esperado que os indivíduos do sexo oposto apresentem a característica desejada; pode ocorrer, de fato, que nenhum indivíduo corresponda ao esperado pelo fetichista. Se isso ocorrer, o fetiche permanece mascarado; corresponde a um desejo mudo, nunca expresso.

Apesar da completa inutilidade de um tal desejo que nunca se manifesta, ou melhor, em virtude dessa irrelevância, o desejo pode se espalhar pelos indivíduos da espécie, através da descendência do mutante original (a mutação, ainda que eventualmente expressa apenas em fêmeas, pode surgir em um macho).

A etapa anterior terá ocorrido, ou não, ao acaso, por deriva genética. Caso o desejo tenha se espalhado por uma certa parcela da população, digamos, uns 10% dela, um estranho fenômeno pode vir a ocorrer.

Imaginemos o surgimento do desejo de uma dada vocalização, algo como um chamado, ou um canto. Consideremos que a execução de tal ruído, ou chamado de acasalamento, viesse causar um estranho e forte encantamento em certas fêmeas. Nesse caso, o aparecimento de um macho capaz de executar algo similar ao desejo da fêmea, ainda que imperfeitamente, corresponderá ao surgimento de um verdadeiro mito entre as fêmeas!

Imaginemos o encanto causado pelo primeiro macho a executar o som posteriormente interpretado como “chamado de acasalamento”. Tal macho atrairia a atenção de uma infinidade de fêmeas, gerando uma descendência numerosíssima, muitos deles herdando a estranha e encantadora capacidade de enfeitar as fêmeas.

Já mostrei, acima, que dada a existência de uma vantagem reprodutiva nos machos portadores de determinada característica, torna-se vantajoso para as fêmeas associar-se a eles, de modo que o fetiche aparentemente arbitrário e nulo, revela-se uma característica favorável, tendente a aumentar a aptidão de seus possuidores. Isso sugere um rápido alastramento por toda a espécie de ambas as características: tanto do desejo, quanto de seu objeto.

Uma vez implantado em uma espécie um ritual de corte incipiente, a partir do esboço da satisfação de um dado desejo, torna-se esperado que os machos aperfeiçoem, geração após geração, o chamado de acasalamento, adequando-o cada vez mais aos desejos das fêmeas, e produzindo-o cada vez mais frequentemente.

Pode-se esperar também, que ao longo das gerações, novos fetiches venham se juntar ao primeiro, acarretando processos análogos ao anterior, e constituindo assim um ritual de corte bastante elaborado, correspondente a exibições visuais, sonoras, olfativas e de outras ordens, em uma série, por vezes, bastante complexa e precisa.

O acúmulo de inúmeras exigências, dos mais variados tipos, constitui e define cada uma das espécies biológicas existentes no planeta. Trata-se, portanto, do importantíssimo fenômeno causador da maior parte da diversidade visível no planeta!

Note que, naturalmente, as espécies são descritas pelos taxonomistas através de suas características fenotípicas visíveis. A razão disso é óbvia, seria difícil presenciar e interpretar cada um dos “passos” que constituem a totalidade do ritual de corte da espécie, ou, ainda melhor e mais amplo, a totalidade das características reprodutivas da espécie, características que, de fato as definem. Caso fosse possível analisar o conjunto dessas características, seria esse o melhor critério para a descrição de cada uma das espécies existentes, sendo esse o critério efetivamente utilizado por ela mesma para se manter coesa e isolada de outras espécies.

Mas, tornemos a imaginar um grupo portador dos mesmos desejos, ou seja, uma espécie. Podemos imaginar novos desejos se incorporando aos antigos, ao longo das gerações; uns de maneira silenciosa, sem que nenhum indivíduo existente o satisfaça, outros, correspondentes às ações e atributos efetivamente ostentados pelos parceiros potenciais.

Embora cada espécie apresente uma homogeneidade bastante considerável, não é necessário nem esperado, que sejam estritamente homogêneas, breves variações são presumidas.

Assim, pode-se esperar que, com o passar do tempo, cada espécie se constitua em um grupo de indivíduos, relativamente homogêneo, compartilhando, fundamentalmente, os mesmos fetiches, os mesmos desejos; apresentando, em consequência, as mesmas características delineadas pelos desejos dos parceiros.

Gostaria de insistir na independência do desejo, no fato de constituir uma espécie de capricho individual, mas ainda assim marcante, independentemente de qualquer consideração acerca de sua futilidade, ou de sua eventual vantagem adaptativa. Mesmo os desejos mais fúteis podem se manifestar e imperar, como nos garantem os ornamentos de um vasto número de espécies. Tal “futilidade” é a principal responsável pela diversidade da vida.

Mas, continuemos a delinear a evolução de um grupo de indivíduos compartilhando fundamentalmente, os mesmos desejos, ou seja, uma espécie. Ao longo do tempo, os desejos tendem a se acumular acarretando exigências cada vez mais complexas e precisas.

Após um vasto número de gerações, torna-se esperado que cada espécie acumule uma sequência bastante precisa de ações que podem ser descritas como um ritual de corte, e que inclui, não apenas a execução de um conjunto de ações, mas a apresentação do próprio corpo, sujeito a exigências tradicionais da espécie.

Seria possível descrever o ritual de corte de uma dada espécie a partir de algo análogo a uma partitura musical. Posso apostar que os coreógrafos desenvolveram alguns tipos de notação capazes de descrever danças e apresentações teatrais. Notações análogas descreveriam o ritual de corte de cada espécie, embora eles incluam, eventualmente, manifestações olfativas, tácteis e outras que não conseguiríamos descrever.

Reconsideremos a elaboração do ritual através da incorporação lenta e contínua de novos fetiches ao conjunto original de desejos, e à correspondente conformação dos parceiros a esses desejos. Passadas inúmeras gerações, podemos encontrar uma espécie de dança ritualística, uma manifestação teatral, composta por uma série de passos correspondentes. Cada ação de um dos parceiros acarreta reação do outro, gerando assim um conjunto de ciclos cada vez mais excitantes, até o momento da cópula.

Suponhamos que as sequências componentes do ritual de corte de uma dada espécie possam ser descritas por um coreógrafo pelas etapas: A,B,C,D,E,F,G, correspondidas pelo parceiro com o conjunto: a,b,c,d,e,f,g.

Essa descrição enfatiza o fato de que o ritual de corte pode ser compreendido como um sistema de senhas e contra-senhas.

Qualquer alteração na sequência tradicional da espécie pode ser considerada um novo fetiche. Assim, a incorporação de uma etapa adicional, sua modificação, duplicação, eliminação, assim como uma inversão em sua ordem, podem ser considerados novos fetiches.

Suponhamos o surgimento de um fetiche bastante sutil, correspondente, meramente, à inversão da ordem tradicional. Consideremos que, em virtude de uma mutação, um indivíduo ficasse extremamente admirado pela execução de um ritual correspondente à seguinte inversão: A,B,C,G,E,F,D.

Provavelmente esse mutante não encontrará nenhum parceiro executando o ritual dessa maneira, em virtude do fato de que indivíduos anômalos, executantes imperitos, errôneos, do ritual tradicional têm extrema dificuldade em acasalar, sendo preteridos pelos parceiros potenciais. Caso já tenha surgido algum parceiro potencial correspondente a essa inversão, provavelmente não deixou descendentes. Nesse caso, o desejo anômalo, o novo fetiche, permanecerá silencioso, sem nunca se manifestar, até o eventual surgimento de um mutante que execute a inversão que enfeitizaria essa linhagem de novos fetichistas.

Os desejos podem ser positivos ou negativos, quero dizer, tanto podem corresponder a características desejáveis no parceiro, quanto a indesejáveis. É possível que uma dada ação executada no momento errado acarrete um verdadeiro desencantamento no parceiro. Assim, as características exibidas, tanto podem causar um encantamento, quanto um repúdio ao parceiro potencial.

Note que se a inversão postulada acima causa uma aversão nos parceiros tradicionais, o novo grupo se isolará reprodutivamente do antigo, constituindo um grupo endogâmico preterido pelos demais, e, portanto, uma nova espécie. Isso ilustra o fato de que, alterações no sistema de senha, contra-senha, podem gerar uma nova espécie.

Desse modo, alterações no ritual de corte podem corresponder a um tipo de “desejo antagônico”. Já me referi a essa possibilidade acima, ao tratar do fenômeno de *runaway selection*, mostrando que o surgimento de um desejo oposto ao dos indivíduos da espécie acarreta a formação de uma nova espécie.

De fato, a especiação, ou seja, o isolamento reprodutivo de um dado grupo, só ocorrerá se garantido por um novo conjunto de desejos que se antagonize ao anterior. Caso não exista uma separação nítida, antagônica, caso não se manifeste uma ruptura entre dois conjuntos de desejos, a espécie permanecerá unida por intercruzamentos.

Uma espécie só se desmembrará em duas, caso alguns indivíduos privilegiem fortemente um dado tipo, excluindo e sendo excluídos pelos outros., podendo então, cada espécie, ser descrita inequivocamente apenas pelo seu sistema de senhas.

Tenho me referido ao desejo, sugerindo com essa palavra que todas as pré-condições necessárias ao acasalamento sejam de tipo subjetivo; nem todas o são. O sistema de acasalamento pressupõe um certo encaixe entre os parceiros. Uma parte considerável dos postulantes ao acasalamento pode ser filtrada e excluída através de “considerações” dessa ordem, a partir de uma análise meramente subjetiva de suas características. Um ser vivente qualquer, raramente, corresponderá às características exigidas para o acasalamento por outro ser. Outros fatores, de ordem menos subjetiva, fazem exatamente o mesmo papel. São eles os impedimentos mecânicos à cópula, a incapacidade de fecundação, os impedimentos ao desenvolvimento do embrião, e a infertilidade do híbrido.

Esses últimos costumam ser tratados como fatores pós-copulatórios de separação entre as espécies. Gostaria de manter o uso da palavra “desejo” para todos eles, apesar de certa impropriedade bastante óbvia desse uso, por achar que isso simplifica a análise. Compreendido o tema, e o processo de especiação aqui tratado, o leitor pode buscar termo melhor para o fenômeno.

A especiação ocorrerá, se e somente se, um novo ritual de corte for desenvolvido, antagônico ao anterior, incluindo nessa designação tanto os desejos subjetivos propriamente ditos, quanto as exigências necessárias posteriormente para o desenvolvimento e perpetuação da prole.

Extraído de meu "O jogo da ciência".

Veja também:

<http://www.pgecl.unb.br/images/sampled/imagens/arquivos/dissertacoes/1990a1999/1997/Gustavo%20Soares%20Gollo.PDF>